



C O N T O S

CEMITÉRIO DE ELEFANTES



Há um cemitério de bêbados na minha cidade. Nos fundos do mercado de peixe e à margem do rio ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes. A população considera-os animais sagrados, provê às suas necessidades de cachaça e peixe com pirão de farinha. No trivial contentam-se com as sobras do mercado.

Quando ronca a barriga, ao ponto de perturbar-lhes a sesta, saem do abrigo e, arrastando os pesados pés, atiram-se à luta pela vida. Enterram-se no mangue até os joelhos na caça ao caranguejo ou, tromba vermelha no ar, espiam a queda dos ingás maduros.

Elefantes malferidos coçam as perebas, sem nenhuma queixa, escarrapachados sobre as raízes que servem de cama e cadeira, a beber e beliscar pedacinho de peixe. Cada um tem o seu lugar, gentilmente avisam:

- Não use a raiz do Pedro.
- Foi embora, sabia não?
- Aqui há pouco...
- Sentiu que ia se apagar e caiu fora. Eu gritei: *Vai na frente, Pedro, deixa a porta aberta.*

À flor do lodo borbulha o mangue – os passos de um gigante perdido? João dispõe no braseiro o peixe embrulhado em folha de bananeira.

- O Cai N'água trouxe as minhocas?

- Sabia não?

- Agora mesmo ele...

- Entregou a lata e disse: *Jonas, vai dar pescadinha da boa.*

Chega de outras margens um elefante moribundo.

- Amigo, venha com a gente.

Uma raiz no ingazeiro, o rabo de peixe, a caneca de pinga.

No silêncio o bzzz dos pernilongos assinala o posto de cada um, assombrados com o mistério da noite – o farol piscando no alto do morro.

Distrai-se um deles a enterrar o dedo no tornozelo inchado e, puxando os pés de paquiderme, afasta-se entre adeuses em voz baixa – ninguém perturbe os dorminhocos. Esses, quando acordam, não perguntam aonde foi o ausente. E, se indagassem, com intenção de levar-lhe margaridas do banhado, quem saberia responder? A você o caminho se revela na hora da morte.

A viração da tarde assanha as varejeiras grudadas nos seus pés disformes, as folhas do ingazeiro reluzem como lambaris prateados – ao eco da queda dos frutos os bêbados erguem-se com dificuldade e os disputam rolando no pó. O vencedor descasca o ingá e chupa de olho guloso a fava adocicada. Jamais correu sangue no cemitério, a faquinha na cinta é para descamar peixe. E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância.

Eles que suportam o delírio, a peste, o fel na língua, o mormaço, as câimbras de sangue, berram de ódio obtuso contra os pardais, que se aninham entre as folhas e, antes de dormir, lhes cospem na cabeça – o seu pipiar irrequieto envenena a modorra.

Da margem contemplam os pescadores afundando os remos.

- Um peixinho aí, compadre?

O pescador atira o peixe desprezado no fundo da canoa.

- Por que você bebe, Papa-Isca?

- Maldição de mãe, uai.

- O Chico não quer peixe?

- Tadinho, a barriga d'água.

Com a pressa que permitem os pés tumefatos, aparta-se dos companheiros cochilando à margem, esquecidos de enfiar a minhoca no anzol.

Cuspindo na água o caroço preto do ingá, os outros não o interrogam: as presas de marfim que indicam o caminho são garrafas vazias. Chico perde-se no cemitério sagrado, as carcaças de pés grotescos surgindo ao luar.